

Com este número, terminamos mais um volume de nossa revista, concretizando, assim, o antigo sonho, e assim temos, enquanto balanço final, uma série de considerações a serem feitas.

Assim, o Congresso da Associação Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil, realizado em setembro na cidade do Rio de Janeiro, mostrou-se um sucesso, a despeito do que muitas pessoas poderiam pensar ou supor. Com isso, reforça-se a idéia da Psiquiatria na Infância como uma especialidade autônoma, com campo próprio, instrumentos característicos e um aspecto interdisciplinar que a acompanha desde sua infância e que não encontra similar na Psiquiatria Geral.

Por outro lado, nossa participação no Congresso Brasileiro de Psiquiatria, realizado em outubro na cidade de Fortaleza - Ceará, em que pese sua importância pelas características do evento, mostrou-se decepcionante, uma vez que a área foi muito pouco privilegiada, e mesmo considerada, pela mãe Psiquiatria. Isso faz com que tenhamos que retornar à questão de qual é o espaço de nossa especialidade.

A questão do título de especialistas mostra, de maneira bem clara, o problema, pois além do pequeno número de candidatos que se apresentou para o mesmo, esses se mostraram com total desconhecimento da matéria, a ponto de considerarem que o desenvolvimento infantil é pouco importante na construção do especialista, demonstrando assim, não só o total desconhecimento da área como também uma idéia de banalização muito grande.

Essa banalização, aliás, apresenta-se também no problema, muito bem apresentado por outro de nossos colegas, quando se pergunta "Quem deve atender à criança mentalmente doente?", argumentando que não só em função de suas raízes históricas como também em função de seu próprio campo e características, a Psiquiatria da Infância apresenta-se como a única área capaz de executar esse tipo de função.

Em contrapartida, o que temos visto acontecer é um retrocesso caracterizado por psiquiatras gerais, sem qualquer noção do que seja uma criança, que se aventuraram, em função de questionários e escalas mecanicistas, no atendimento infantil, ocasionando problemas de monta.

Curioso é o fato de que nosso modelo psiquiátrico atual embasa-se diretamente no modelo norte-americano, copiando, de maneira franca, não somente seu conteúdo teórico como também seu aspecto organizacional. Isso, entretanto não ocorre em relação à Psiquiatria da Infância, que é considerada especialidade na grande mãe americana e não em nosso meio. Em conseqüência, seu desenvolvimento e inserção na vida universitária fazem-se mais evidentes lá do que aqui.

Todos esses fatos fazem-nos pensar nas grandes diferenças que existem e no embasamento, muito mais político que teórico, que as permeia.

Esperamos que a virada do milênio (quem sabe o entrar na "era de Aquário" possibilite a mudança de algumas mentalidades em nosso meio) traga novas possibilidades para a área e, em conseqüência, para o atendimento à Saúde Mental Infantil em nosso país.

Com todas essas considerações, desejamos a todos um Feliz Natal e os votos de que o próximo ano seja repleto de realizações e possibilidades.

Francisco B. Assumpção Jr.